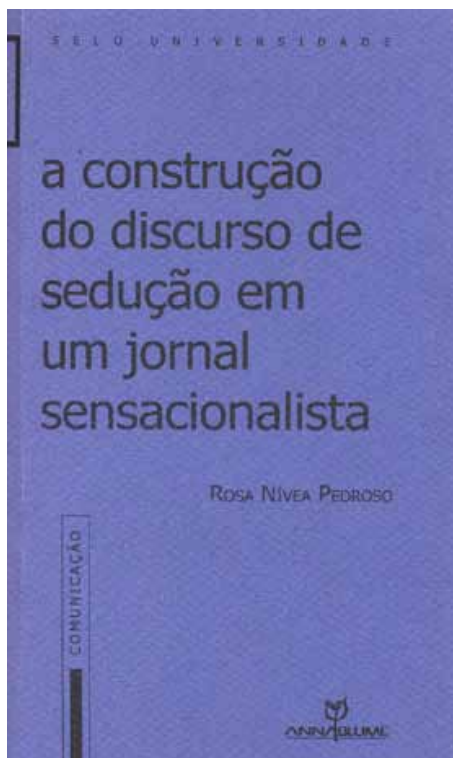


A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista



APARECE FINALMENTE SOB A FORMA de livro a importante dissertação de mestrado de Rosa Nívea Pedroso (Ufrgs), "A construção do discurso de sedução em um jornal sensacionalista", defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1983. O texto é bastante enxuto, mas não são poucos os seus méritos, sobretudo considerando que, sem ter passado por qualquer revisão, resiste bem à distância temporal de vinte anos existente entre nós e a época de sua elaboração. Depois de "O Desvio nosso de cada dia" (1980), de Antônio Serra, o trabalho foi um dos primeiros a deter-se de maneira sistemática e em atitude reflexiva sobre o jornalismo popular e sensacionalista, que tanto marcou, pelo menos durante certo período, a trajetória da imprensa no centro do País.

Rosa Nívea trabalha criativamente com um paradigma metodológico em relação ao qual temos muitas reservas e restrições, a análise do discurso, porque logra escapar do seu formalismo esterilizante e cosmeticamente científico. A preocupação em apanhar a maneira como se constrói o sentido e se instaura um mundo através das páginas do veículo estudado não se separa de uma análise sobre as circunstâncias sociais e históricas que o determinam, tanto quanto de uma reflexão sobre seu sentido na formação da imagem do mundo do homem excluído ou marginalizado.

Influenciada pelo que de melhor, segundo nos parece, originou-se da produção teórica do argentino Eliseo Verón, mas indo além, no sentido de questões de autêntico interesse humano, a autora se detém sobre o caso do finado jornal "Luta" (RJ). Primeiro situa as condições gerais da atividade jornalística na sociedade capitalista, combinando sua indicação com o relato da maneira como surgiu e se estruturou o produto cultural em exame. Destaca-se ainda, embora não se a analise como poderia, a conexão entre esse jornal e o que sucedeu, o "Luta Democrática".

Fundado pelo político udenista Tenório Cavalcanti, "Luta Democrática" foi, respeitadas as diferenças, o equivalente carioca do jornal

Francisco Rüdiger
Professor do PPGCOM PUCRS/RS

paulista “Notícias Populares”. “Luta” surgiu em 1980 como esforço de viabilizar sua sobrevivência econômica, via a exploração empresarial das baixezas humanas e mazelas da sociedade. Nesse sentido, a folha pode ser enquadrada no conceito de grande imprensa; isto é, da imprensa que se preocupa com a reprodução capitalista de bens simbólicos, visando primordialmente ao lucro” (p. 41).

A precária organização empresarial do veículo não significa que tivesse pequenas ambições, nem seu sensacionalismo barato, que ele desprezasse tentativas de exercer um certo poderio mercadológico. Observa muito bem o trabalho que, no capitalismo, se verifica uma divisão do trabalho jornalístico, de acordo com o processo social de divisão da riqueza e que, por isso, a distinção entre jornalismo sério e informativo, por um lado, e jornalismo popular e sensacionalista, de outro, é em grande parte apenas aparente.

As características próprias de cada um, que a autora não pretende negar, dependem de um mesmo processo de posição no processo histórico.

Luta não é jornal sensacionalista porque é popular, mas porque, no interior de uma estrutura de funcionamento capitalista, realiza um modo de comunicação próprio da cultura de massas, que visa a atingir o leitor pela vedetização do fato e da personagem, que se localizam, habitualmente, na periferia da ordem instituída (p. 61-62).

A passagem nos lança de chofre na seção propriamente analítica do trabalho, relativo ao modo de construção discursiva do noticiário do veículo. O primeiro plano desse exame remete aos títulos, destacando-se os princípios de elaboração dos temas e figuras do noticiário (os “objetos”, como diz a autora). Dentro deles, a autora sublinha a maneira como se emprega expressões de significado erótico e sexual para, ao mesmo tempo, mobilizar e reprimir (canalizar restritivamente) a atenção e interesse dos leitores potenciais.

O segundo momento corresponde ao exame das matérias propriamente ditas, analisando-se em profundidade uma ou outra, para mostrar como o jornal lança mão de estruturas e efeitos ficcionais para seduzir seu leitor, ao preço de desistoricizar sua relação com a realidade.

O jornal prova assim que seu compromisso com a marginalidade social e cultural não é servir de porta-voz dos interesses dos marginalizados, mas de segregá-los simbolicamente das pessoas normais e engajadas no sistema institucional dominante. Isso porque essas pessoas (ou classes) transviadas e perigosas só podem ingressar no espaço social (e mredacional) se forem representadas pelos seus crimes e perversões (p. 89).

A última seção do texto aprofunda esse enfoque, salientando de maneira menos rígida formalmente o significado vil e rebaixado do entendimento das relações e dramas humanos vivenciados pelas classes populares que reforça, se não a estrutura, o discurso da imprensa sensacionalista. A condução da tarefa parece nos hoje um tanto linear, mas isso não deveria nos fazer perder de vista que, em seu tempo, ela representou um enorme avanço, ainda hoje não seguido pela maioria dos cultuadores da abordagem semiológica, em relação àquelas onde o conteúdo histórico e social desaparece em favor da exposição de formas abstratas e descarnadas.

Rosa Nívea sinaliza bem o drama concreto manipulado por esse tipo de periódico, sublinhando as várias estratégias discursivas, estilísticas e ideológicas de que ele lança mão para manter distante do leitor uma capacidade de reflexão e esclarecimento que, criativamente, o jornal todavia poderia ajudar a acionar cotidianamente. Muito mais do que o resumo conceitual das descobertas feitas durante a pesquisa, parece-nos que conclui a análise concreta do veículo o entendimento de que sua verdade é o avesso daquilo que mostra ao seu público: “o fascínio construído sobre o mundo marginal encobre a degradação que [o torna] horroroso [historicamente]” (p. 112).

Embora um tanto apressados, os comentários e observações feitos nessa direção, por sua riqueza de sugestões, compensam plenamente a falta de atualização dos argumentos e a ausência de discussão bibliográfica com os pesquisadores que, posteriormente, como sabe a própria autora, se ocuparam entre nós do assunto (Danilo Agrimani, Ciro Marcondes, etc.).

A construção ... é, por isso, uma referência obrigatória para todo aquele que desejar empreender pesquisas sobre o jornalismo

popular e sensacionalista não somente por ter contribuído para abrir essa via, mas porque as questões que ela lançou, sobretudo em seu último capítulo, ainda ensejarão por muito tempo motivos para se continuar investigando o sensacionalismo na comunicação.